

“Por meio do cinema, é necessário situar os problemas mais complexos do mundo moderno no nível dos grandes problemas que ao longo dos séculos, foram objetos da literatura, da música e da pintura. É preciso buscar, buscar sempre de novo, o caminho, o veio ao longo do qual deve mover-se a arte do cinema.” ANDREI TARKOVSKI, *Esculpir o tempo*.

Foi relendo o livro “*Esculpir o Tempo*”, do cineasta Andrei Tarkovski e conversando com minha mulher Liliana sobre o livro, e tendo a nossa conversa ido além do seu conteúdo, falamos sobre nossas memórias, o tempo, dimensão que ele tão bem utiliza em seus filmes, que comecei a pensar na atual exposição – e dar uma forma sem conceituar o trabalho, apenas me questionando sobre o significado do tempo inserido nele. Não o tempo físico, de mais de 50 anos de carreira. Mas aquele que estava intrínseco na minha obra, o tempo da memória que a própria história da arte nos ensina.

Mas a linguagem por mim usada não se referia a Eisenstein, Begman, ou Fellini, e sim a Duchamp, Beuys ou Warhol, o mesmo tempo, mas meios diferentes. Este era meu desafio. Por que não fazer uma instalação que me remeteria ao cinema sem o uso da câmera? Já tinha feito no começo dos anos 70 meus curtas-metragens em Super 8mm, em que modificávamos as tomadas, os conceitos, apenas com uma faca agregada a uma moviola e fita adesiva transparente.

Costumo trabalhar sobre ícones, e mais uma vez escolhi para esta minha instalação uma das imagens mais usadas nos dias de hoje, a famosa “*La Gioconda*”, popularmente conhecida como *Monalisa*. O uso dos meios tecnológicos em cima da legendária figura extrapola qualquer artista iconográfico. Me agradava o fato de banalizar o banalizado. Trabalhando tridimensionalmente, e manualmente querendo me sentir o antigo artesão que faz frente a uma época altamente industrializada, em que a tecnologia nos engole, fui construindo meu filme. *Monalisas* padronizadas iam surgindo, e uma após outra fui trabalhando. Mas quantas faria? Quarenta? Oitenta? Dizentas? Mil?

Foi neste único ponto que tive que discordar de Tarkovski e Warhol, cujo tempo de seus filmes era determinado por seus desejos. Eu segui o estilo praticado em Hollywood, filmes de 130 minutos, e por isto dei a minha instalação o nome **QUADRO a QUADRO – CEM MONAS**.

Nelson Leirner